

A Perigosa Cibercultura

José Vasconcellos Dias Jr. (josevasconcellosdiasjr@gmail.com)
<http://lattes.cnpq.br/3763222864607284>

“O ano 2000 chegou, eu vi, e decidi tomar o partido da humanidade”

Pierre Lévy

Mais cedo ou mais tarde algum dos ditos "fenômenos sociais", emergiria do pântano das criações humanas, "encapsulado" em alguma roupagem ilusória, ocultando em suas entranhas verdades que, quando descobertas ou levariam seus criadores a repensar a criatura ou fariam desses meros vassalos, levando todos a um desditoso fim ou ao início da recriação - porque a criação já foi.

Esse fenômeno mitológico é a tal da cibercultura!

Mas o que ela é exatamente? Quando foi que a utilização de um "utensílio doméstico", uma "ferramenta de apoio", um "aparelho facilitador" ganhou o direito de chamar-se "cultura"? - Opa! Calma gente eu sei a diferença entre veículo e conteúdo sim, mas vocês não de admitir que a internet, indubitavelmente, é o **ícone** da cibercultura, não é mesmo? Bom! Daí eu fazer essas perguntas. É para começar o papo, mesmo.

Antes de pensar se existe resposta para essa pergunta, ou mesmo se isso chega a merecer ser chamado de pergunta, olhemos por sobre nossos ombros para a História e vamos nos perguntar quando foi que tivemos outras culturas baseadas em um ícone?

Tivemos a cultura do ábaco? Do lápis? Da imprensa? Da TV?... Opa! Essa última aí, não há como discordar, é mais muito mais do que uma cultura, está mais para um conquistador insaciável e incansável que envolve e molda "sua própria imagem e semelhança" em tudo que a humanidade "pariu", e que mereceu ser notícia, desde 1924.

Aliás, usando a cultura da TV, existe uma comparação pra lá de simples que mostra um pouquinho do que podemos esperar - na verdade já é bastante possível ver - dessa tal cibercultura. Na cultura televisiva - que de agora em diante andarás emparelhada com a cibercultura até ser totalmente engolida por ela - existe a necessidade social de limites e esses limites se traduzem nas "cartas de intenções" de muitos órgãos de vigilância, ou

mesmo censura, em vários países, além de entidades particulares que ditam alguns horários de programação, principalmente nos USA.

Não se enganem, pois isso existe em todos os países. É claro que a palavra "censura" deve ser vista com a desmedida singeleza que adquire nesses casos em que falamos de países democráticos, mas uma auto-regulamentação existe sim.

Já do outro lado, no universo da cibercultura, isso é impossível e é assim mesmo que tem que ser, afinal pensar em algum tipo de cerceamento no ambiente do ciberespaço é uma ignomínia, eu concordo!... Concordo?

Concordo mas não sou tão ingênuo que não saiba o nível de censura que já existe na internet - ou vocês não sabem das censuras a determinados países que ocorrem quando você tenta um acesso a um determinado conteúdo? - Não estou falando de "segredos industriais" não, estou falando de conteúdos proibidos para uma determinada gama de endereços *IPs*, que caracterizam esse ou aquele determinado país. Mas deixemos este assunto para salpicarmos durante o texto, se for o caso.

O chamamento às matérias com este conteúdo - cibercultura - para a REVISTA ARTEFACTUM - no *site* da [RAFROM](#) - faz loas à dita, mas acontece que, apesar de tudo que podemos mostrar de positivo no universo da cibercultura, esses avanços tecnológicos quase sempre apresentam outro lado menos positivo para o indivíduo ou são dignos de uma análise mais profunda e criteriosa sob a ótica da interferência dessas tecnologias na vida do mesmo. Não é possível ficarmos atrelados a todas essas meias-verdades como se fossem a panacéia universal.

A cibercultura é uma expressão perigosa até mesmo em sua definição que, como tal, precisa ser muitíssimo bem entendida. E, além disso, seus aproveitadores freados em suas intenções igualmente daninhas.

Vejam bem, já chegamos ao cume, já tivemos um presidente eleito com a força da cultura da internet e não foi qualquer presidente, foi o presidente do país ainda tido como o mais poderoso do planeta. Essa verdade é fácil de se verificar haja vista que o primeiro discurso de agradecimento como presidente eleito feito por Barack Obama foi na Internet!

O próprio termo Cibercultura tem vários sentidos. Mas se pode entender por Cibercultura a forma sociocultural que advém de uma relação de trocas entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base microeletrônicas surgidas na década de 70, graças à convergência das telecomunicações com a informática. A cibercultura é um termo utilizado na definição dos agenciamentos sociais das comunidades no espaço eletrônico virtual. Estas comunidades estão ampliando e popularizando a utilização da Internet e outras tecnologias de comunicação, possibilitando assim maior aproximação entre as pessoas de todo o mundo. (Wikipédia)

Essa parte da definição de cibercultura que pode ser lida na [Wikipédia](#), oculta um procedimento estratégico de dominação que não pode simplesmente ser relevado como uma sandice ou paranóia. Quando lemos "... maior aproximação entre as pessoas de todo o mundo..." também estamos lendo "todos os peixes em um só barril" e esse "barril" fica mais apertado na medida em que, através da Internet, falamos uma mesma língua - como se fosse um Esperanto sem esperanças -, ou passamos nossas impressões e aceitamos impressões de terceiros mais facilmente ou mais inadvertidamente.

Lá também está escrito: "... ampliando e **popularizando a utilização** da Internet..." - essa frase pode ser bastante interessante porque a partir dela vislumbramos os peixes no barril. Quer um exemplo? Nesse mês de Maio, logo no início, presenciamos um "caos sutil" em um grupo - grande - desses peixes. Quando a *GOOGLE* esteve "quase fora do ar" em virtude, segundo disseram, de falhas em um grupo de roteadores, houve muitos relatos de pessoas que se sentiram desnorteadas por não poderem usar aqueles serviços. - Desnorteadas? Por não poderem usar um determinado serviço da internet? É um serviço essencial? Isso é um vício? - Mas, esperem um momento: falha? Grupo de roteadores? Caramba! Onde estão os terroristas que ainda não viram esse "filão" para o caos?

Outro exemplo? Claro! Mas primeiro não nos esqueçamos que a atual tecnologia "traz para suas mãos a Internet", disso eu tenho certeza que você já sabia afinal o que não falta é comercial falando sobre essa "facilidade", então, mais um exemplo desses peixes encerrados em um barril: Olhando apenas para nosso País, tínhamos em Março de 2009, uma proporção pouco acima de 80% de brasileiros com aparelhos celulares conforme registros da própria [Anatel](#). Quer saber onde estão os peixes? Pense que há 12 anos atrás os celulares não eram comuns e vivíamos muitíssimo bem sem eles.

E agora se imagine, nos dias de hoje, saindo de casa sem ele!... Entendeu?

Até aqui - e bem rapidamente - eu fiquei tentando colocar caraminholas em suas cabeças, mas afinal é para isso que um texto opinativo serve: para gerar, nem que seja um pouquinho, motivos para pensar, refletir e reclamar ou concordar e dar mais informações aos envolvidos na conversa.

Sugeri uma malignidade na cibercultura, mas devo me explicar. Esse "demônio" que insinuei não tem chifres, ele age de forma venenosa e bastante dissimulada quando o assunto é "pensar em corações e mentes", principalmente corações e mentes jovens e de países menos desenvolvidos – lembram daquela história dos *IPs*? - e isso se torna claro quando olhamos para a média dos jovens brasileiros e percebemos uma “mesmice virtual”. É difícil vermos conversas que ultrapassem as ferramentas padrões, como se não houvesse novos instrumentos aparecendo quase diariamente – e nem assuntos mais profundos - ou os assuntos que envolvessem a internet não fossem além das fofocas do grupo.

Não discordo que o jovem brasileiro (acho que posso arriscar o latino-americano) de hoje em dia, final da primeira década do século XXI, esteja buscando seu espaço na comunidade, mas será que um percentual alto desses jovens sabe bem o que está procurando? Será que ele, o jovem mediano, sabe aproveitar positivamente as facilidades dessa cibercultura para seguir o seu caminho? Ou essas mesmas “facilidades”, na medida em que são despejadas em seus colos, simplesmente, não o está tornando mais e mais dependente de algo, qualquer coisa que seja, que simplifique demais as ações que poderiam fazê-lo mais cômico de seus deveres ou até de si mesmo? Afinal a própria leitura está sendo posta de lado quando falamos de pesquisas escolares, ou ainda pior, trabalhos de final de curso em universidades. Em listas de discussão com algum conteúdo técnico não é sequer raro vermos pedidos de material para composição de trabalhos de fim de curso e outros. E, muitas vezes, esses pedidos são atendidos *on-line*. Onde foi parar a pesquisa própria, a busca de informações ou o simples folhear de livros?

Por favor, é claro que não tenho nada contra facilidades, desde que elas não destruam o processo de assimilação e aprendizagem, muito menos a prazerosa curiosidade humana

ao mesmo tempo em que “quebram paradigmas” como alguns querem crer ou repetem esta expressão, cegamente, sem perceber a óbvia “ode à preguiça” que estrondeia por trás do termo.

Mas o alvo não só esses jovens. Há pouco tempo, “maduros” também se deixaram levar por um [viral](#) que provocou ondas de sentimentalismos, indignações, apoios exaltados e por aí vai, quando o fato nada mais foi – e isso era mais do que evidente - do que uma armação da TV inglesa sobre um programa do tipo “show de calouros” que, aliás, já foi desmascarada. A forma como esses “*viraís*” afetam a comunidade merece uma atenção mais séria visto serem capazes de provocar comoções que podem agir sobre diferentes áreas da sociedade, até mesmo gerar sérios problemas comerciais e econômicos. A propósito, “viral” deriva da expressão “[marketing viral](#)”, coisa já antiga nos meios de comunicação. Fala-se “viral” para notícias, imagens ou vídeos que se espalham pela internet como se fossem um vírus de computador, sem o efeito destrutivo do mesmo, ou quase.

Quando falei sobre a censura na Internet, imaginei alguns pensando algo como: "Ué? Se existe censura, então pode existir manipulação!" - daí se existe manipulação... Pois é! Entendeu não é mesmo?! Sequer faço forças para desfiar um rosário sobre isso!

Vejam só outro prisma mais triste e opaco da cibercultura:

Extrapolando o **ícone** dessa cultura – a Internet – e, como está lá na definição, se pensarmos em algumas várias "... novas tecnologias de base micro-eletrônicas..." e nem falando do complemento da frase, "década de 70", mas vindo para os dias atuais, muitas dessas novas tecnologias que aproximam as pessoas, também mantém cada qual em seu galho, distantes do contato físico ou daquele bom e velho olho no olho.

É fácil você entrar no metrô ou no ônibus e ver cada um na sua ouvindo alguma coisa, jogando alguma coisa ou falando com alguém através desses aparelhinhos que - além de servirem como distração - garantem que você sempre seja encontrado esteja onde estiver, até em um buraco debaixo da terra - e o ser humano ali do lado que bem poderia render uma boa conversa, uma interação amigável ou uma boa amizade, tentando fingir-se de distraído.

Mas sem deixar fugir aquele ícone que falei - e não consigo evitar visto seu poder - existe um exemplo bastante difícil de encararmos: a Internet alimenta uma condição comum nas pessoas e que, devido a ela - o ícone maior da cibercultura - deixa de ser um problema isolado de cada um, para tornar-se o motivador de mais uma moda da cibercultura, essa necessidade que temos de que nos vejam mais como desejamos ser do que como realmente somos o que, convenientemente, também nos afasta do convívio real – a dicotomia entre o ser real e o ser ideal. Essa distância imposta pela moda dos *chats* afasta-nos uns dos outros, nos permitindo, tolamente, nos apresentarmos como bem quisermos em detrimento da verdade de quem somos. Quem tem filhos já deve ter passado pela experiência de ver o rebento chegar em casa da escola e ir para alguma sala de bate-papo para "ficar conversando" com os colegas do colégio. Mas eles estavam juntos agora mesmo!!! Que diabos?!

Tudo bem, tudo bem, alguns poderão vir com aquela conversa - justa - sobre segurança, dificuldades dos pais em ficar até tarde no shopping ou na própria escola enquanto os filhos "trocam figurinhas" (nem sempre tão literalmente), ou que as crianças não querem ficar "pagando o mico" de ter algum dos progenitores por perto. Certo, entendo e concordo, mas quando uma conversa "cai na rede", essa conversa também pode ser monitorada não é mesmo? Mas por quem?

Começando a fazer o resumo: Gente, essa história de que, como diz Comasseto ao comentar Pierre Lévy:

A expansão da consciência e a inteligência coletiva que, pelo advento da rede eletrônica que conecta o mundo de modo virtual e instantâneo, estaria prestes a democratizar o acesso às formas de poder e a realizar o ideal tão sonhado de uma sociedade autônoma e igualitária.
(Comasseto, 2005)

Isto é a mais pura balela inocente e sonhadora. É até bonito pensar assim, sonhar com algo assim, almejar e buscar essa realidade, mas a dura e crua realidade mesmo é outra e não tem nada de "sociedade autônoma e igualitária", é um jogo de dominação sem precedentes e com gente apoiando sem ter a menor noção do que está realmente acontecendo ou, algumas vezes, "se lixando" (para parafrasear certo deputado do RS) para o futuro dos seus.

Martin Heidegger, um “pensador da técnica”, condena as correntes que a vêem como: a) uma atividade do homem; b) um meio para determinado fim - e muitos fazem coro com ele, eu até quero fazê-lo também, mas no frígido dos ovos, quando paramos séria e friamente para acompanhar os acontecimentos que nos cercam (e, às vezes, sufocam), a letra "b" é exatamente o que está acontecendo, de forma daninha e inexorável, em um nível mais alto de percepção - e olha que sou meio desatencioso, às vezes.

Terminando o que quero dizer, cito Neil Postman:

Em que extensão a tecnologia do computador tem sido uma vantagem para as massas? Para os operários siderúrgicos, proprietários de quitandas, professores, mecânicos de carro, músicos, pedreiros, dentistas e a maioria das pessoas cujas vidas o computador está invadindo agora? Seus assuntos particulares foram tornados mais acessíveis para instituições poderosas. Eles são seguidos e controlados com mais facilidade; são submetidos a mais exames; são mistificados cada vez mais pelas decisões tomadas sobre eles; muitas vezes são reduzidos a meros objetos numéricos. São inundados por correspondência inútil. São alvos fáceis de agências de publicidade e de organizações políticas. As escolas ensinam seus filhos a operar sistemas computadorizados, em vez de ensinar coisas mais valiosas para crianças. Resumindo, para os perdedores não acontece quase nada do que precisam.
(Postman, 1992, p. 20)

E olhem que ele já dizia isso em 1992!

Então quando coloquei, no início do texto, a frase de Pierre Lévy, eu não estava brincando: eu, realmente tomei o partido da humanidade, a humanidade livre e plenamente democrática...

Mas onde ela está?

E para onde está caminhando?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

* Artigo de jornal

SFEZ, Lucien. Tradução: Meria Regina Pilla. Admirável Mundo Preguiçoso. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 13 mai. 2001;

* Trabalhos de Conclusão de Curso:

FERREIRA, Luciana Gomes. CIBERCULTURA Caminhos para a transdisciplinaridade. Nov/2006;

*Dissertação:

COMASSETTO, Leandro Ramires. Internet, a ilusão democrática. Jan/2005;

* Livro

POSTMAN, Neil. Tecnopólio: a Rendição da Cultura à Tecnologia, 1994 - ISBN: 8521307993;

LEVY, Pierre. A Conexão Planetária, 2001 - ISBN: 9727712789;

HEIDEGGER, Martin. Ensaios e conferências, 2002 - ISBN-10: 8532626386;

SFEZ, Lucien. Crítica da Comunicação, 1994 - ISBN: 8515010151;

* Internet

Wikipédia; Google Acadêmico.

SOBRE O AUTOR

Possui graduação em Técnicas Em Análise De Sistemas Informatizados pela Universidade Estácio de Sá (2005). Tem bastante experiência na área de Banco de Dados e também na área de Ciência da Computação, com ênfase em Metodologia e Técnicas da Computação além de experiência em Computação Gráfica. Desenvolve atividade paralela de articulista produzindo para o site da RAFROM (www.rafrom.com.br).